

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ARTE
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MAÍRA CUPOLILLO ALVAREZ

**SOCIEDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS BASEADAS EM
ECO REVOLUÇÃO E SISTEMA PERMACULTURAL**

Niterói
2017.2

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL

MAÍRA CUPOLILLO ALVAREZ

**SOCIEDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS BASEADAS EM
ECO REVOLUÇÃO E SISTEMA PERMACULTURAL**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para a
obtenção do grau Bacharel em Produção
Cultural.

ORIENTADORA: Professora Doutora Ana Lucia Silva Enne

Niterói
2017.2

MAÍRA CUPOLILLO ALVAREZ

**SOCIEDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS BASEADAS EM
ECO REVOLUÇÃO E SISTEMA PERMACULTURAL**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para a
obtenção do grau Bacharel em Produção
Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lucia Silva Enne

Luiz Carlos Mendonça

Gabriela Rizo

AGRADECIMENTOS

Honestamente, não me agradou desde o início realizar este trabalho de conclusão de curso. Afinal, não concordo com as metodologias aplicadas no sistema educacional mundial, principalmente o brasileiro, ao qual pertenço há vinte anos. Não acho que escrever algumas páginas sobre assuntos que não conheço profundamente (e talvez nunca conhecerei) poderão avaliar o quanto e o que aprendi nestes anos de universidade, inserida em uma rotina artística, crítica e criativa no Instituto de Artes e Comunicação Social e todos os campus e instituições de universidades, cursos e vivências em que estive presente nos últimos anos. Um assunto como o elaborado aqui que está em constante construção e não tem verdades absolutas. Assunto que vai contra o sistema que a instituição a que decidi me “filiar” segue. Queria não ter que agradecer à Universidade porque meu orgulho diz que ela não merece, a instituição em si. Porém, são os agentes inseridos nela que fazem esse espaço ser mais versátil, igualitário e colorido. E a eles devo o meu sincero agradecimento.

Nunca tive a oportunidade de agradecer por vias formais como o Prof. Dr. Mário Pragmácio, o Prof. Dr. Leonardo Guelman e outros docentes e discentes foram valentes e amigos ao me auxiliarem num momento tão delicado e revolucionário quando fui perseguida pelo Estado do Rio de Janeiro, pelo governador Sérgio Cabral e pelas mídias fascistas que mentiram em relação a quem eu era, o que estava fazendo e o porquê disso tudo ter acontecido. Uma perseguição cega e injusta, me usando como bode expiatório de uma quadrilha (que não se conhecia), armada (que não tinha arma), que incitava crimes (vulgo justiça e igualdade social), para continuarem as artimanhas de roubalheira do dinheiro público. Quase fui presa e até hoje (após mais de quatro anos) o Estado ainda tem acesso à minha conta bancária, meus telefones pessoais e da minha família, além de retidos mais de dez bens materiais meus (computador, pendrive, HD, câmera

fotográfica, entre outros). Foi por causa destas pessoas que pude me fortalecer e bater de frente com essa injusta situação.

Agradeço às produtoras culturais, amigas e parceiras Júlia Cupolillo, Thayza de Oliveira Gomes, Eduarda de Oliveira, Andressa Mandarino, Mariana Kreischer, Fernanda Cupolillo, Negra Maria e Paula Spadari. Às minhas companheiras de vida e sabedoria ancestral, onde percebi o quão importante é cuidar de outro ser e que a relação é compartilhar, minhas amigas caninas Taiji e Kief. Agradeço às amigas que se tornaram irmãs Yasmin Celli, Carolina Queiroz, Carolina Goldstein e Manu Shanta.

Agradecimento especial ao meu amigo e parceiro de anos que tem uma conexão com a minha alma revolucionária inexplicável. Bruno Ronsini, você é o melhor dos melhores, amigo! Te admiro e espero que nossos caminhos continuem se cruzando.

Aos meus parceiros e amantes que estiveram comigo, aturando minhas loucuras e desesperos no período da universidade. Que me mostraram um mundo novo cheio de criatividade e magia (Pedro de Andrade) e um mundo revolucionário, anarquista e de luta social (Felipe Tardelli). Agradeço especialmente ao verdadeiro amor, compartilhamento mútuo, sabedoria, carinho e prática, mais que todas as teorias, de um mundo mais sustentável e livre, ao parceiro de jornada Gustavo Campagnac que, inclusive, me ajudou e me inspirou a realizar este trabalho.

Aos meus pais que às vezes duvidam dos meus sonhos, mas não deixam de me apoiar financeira e emocionalmente. Sem eles eu não teria acesso a todas as informações e liberdades de ser, estar e haver. Ser quem eu sou sem medo.

O universo é e está em cada um de nós, portanto, ao agradecer ao universo por todas as dádivas que recebo, as bênçãos e conhecimento, agradeço a mim

mesma, a me permitir abrir canais de comunicação e aprendizado, ajudando o mundo a se conectar com a essência que habita em todos e tudo, e nos une em rede. Uma rede que não enxergamos com os olhos, mas com a glândula pineal e com o coração.

Meu orixá Ossãin que abre as florestas pra mim e me permite colher os frutos e sabedorias da Mãe terra. Também à grande Mãe que nos deu a vida, nos auxilia no caminho e nos recebe na morte, traz abundância de alimento, moradia, saúde, amigos e tudo que desejo. Sou muito abençoada e tenho consciência disso. Aos elementais, em principal às fadas, que sempre caminharam ao meu lado e aguardam o meu retorno ao plano espiritual. Minha missão é proteger, conservar e disseminar suas moradas e conhecimentos. A floresta é a minha casa.

Gratidão às deusas e deuses que protegem o nosso universo. Sem eles minha luta de nada vale. Gratidão a todas as formas de amar e ser amado! Às forças femininas que regem o universo neste momento.

Por penúltimo e não menos importante, agradeço imensamente à amiga, parceira e orientadora Ana Lucia Silva Enne por atuar anos de espera pela conclusão deste trabalho. Que se virou em mil para poder se adaptar a este texto informal, cheio de devaneios e utopias. Gratidão, Ana! Esse trabalho também é seu.

Para finalizar, agradeço aos bens materiais mais importantes que tenho: as plantas, os animais, as florestas, rio, mares e cachoeiras, aos vulcões, tornados, tempestades, à luz do Sol, aos insetos que me encantam e me conecto. A diversidade entre humanos e todos os seres, compreendo que somos todos inteligentes, cada um da sua forma. E que juntos formamos uma inteligência coletiva e que, se mais conscientizada, será saudável e harmoniosa para todos. Agradeço às relações em geral que me fazem ser espontânea e curiosa. Conviver e coexistir é o

que mais me encanta! Sem o outro nada sou.

RESUMO

Este trabalho pretende elaborar uma análise crítica ao modo de vida modernizado e impessoal, insustentável, vigente atualmente, a partir do contexto histórico e no território Ocidental, no último século. De forma questionadora, o neoliberalismo aqui é abordado nos conceitos mercadológicos, de ensino e construção das sociedades. Vivenciei de que forma as pessoas se relacionam quando convivem sem luxo, compartilhando trabalho, casa, alimento em prol de desenvolvimento pessoal, ambiental e espiritual. Como é um dos ideais de comunidades sustentáveis e que a sociedade, mesmo como certos de informações hegemônicas hoje, pode se tornar diversa, múltipla, sustentável e justa. Quais as utopias criadas para demonstrar uma civilização que vive harmoniosamente com o ambiente e consigo mesma.

Palavras-chave: Sustentabilidade, Permacultura, Comunidade, Sociedade, Eco revolução.

ABSTRACT

This paper intends to elaborate a critical analysis of the modernized and impersonal, unsustainable way of life, currently in force, from the historical context and in the western territory, in the last century. In a questioning way, neoliberalism is approached here in the marketing, teaching and construction concepts of societies. I have experienced how people relate when they live without luxury, sharing work, home, food for personal, environmental and spiritual development. As it is one of the ideals of sustainable communities and that society, even as certain of hegemonic information today, can become diverse, multiple, sustainable and just. What utopias are created to demonstrate a civilization that lives harmoniously with the environment and with itself.

Key words: Sustainability, Permaculture, Community, Society, Eco revolution.

“A ignorância é o elemento mais violento da sociedade.”

Emma Goldman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	Página 12
CAPÍTULO 1: Sociedade e Comunidade	Página 15
1.1 Sociedade e Comunidade no Século XIX	Página 19
CAPÍTULO 2: Eco revolução	Página 22
2.1 Sociedade e Comunidade Sustentável	Página 27
CAPÍTULO 3: Sítio Itamaracá	Página 35
CONCLUSÃO	Página 51
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	Página 54

INTRODUÇÃO

As sociedades, assim como tudo e todos no universo, estão em constante modificação. Nem sempre são mudanças positivas a todos e tudo. A questão é tentar diariamente transformá-la em espaços mais igualitários e justos. Fora da concepção narcisista, egocêntrica, de aparência, mercadológica e capitalista. As sociedades atuais são pautadas em relações humanas e ambientais sem compromisso (e muita obrigação) e de submissão. Não que as comunidades também não sejam, porém, em coletivos menores, de formação íntima, há maior possibilidade de resoluções de questão que reúna todos os envolvidos e suas demandas.

Escrever estas palavras servem como impulso a uma luta constante de mudanças na rotina e na forma de conviver com tudo ao nosso redor. Acredito que essa discussão é essencial e inspiradora se quisermos co-criar civilizações pautadas não mais em classes ou idolatrias sem sentido, mas em bem-estar coletivo, desenvolvendo talentos naturais, abrindo espaço público para novas formas de trocas e críticas ao que não está sendo fluido ao coletivo.

Decidi discutir sobre sustentabilidade porque acredito ser uma das poucas alternativas viáveis e igualitárias inspiradoras na re-construção das relações humanas. Na rotina, diversos fatores demonstram como estamos inconscientes. A alimentação é um dos itens mais básicos na sobrevivência humana, temos um ciclo de plantação insustentável, não respeitamos o alimento, considerando os animais e plantas submissos ao humano, não sabemos da onde derivam a maioria dos alimentos, quem os produz e de que forma, investimos em grandes produtores de alimentos que em sua maioria não respeitam os ciclos naturais, utilizam muitas toxinas, conservantes e aromatizantes para deixar o produto mais acessível e de longa duração, porém com menos nutriente e vida. Os alimentos geram resíduos,

assim como suas embalagens, e não temos consciência de seus descartes. Alguns se limitam ao discurso, por exemplo, que criaram sacolas plásticas biodegradáveis em vez de utilizar sacolas que possam ser reutilizadas durante um longo período.

Incentivamos grandes produtores em diversos setores de consumo e viramos reféns dos seus monopólios. Financiar pequenos produtores que têm relação direta com o produto feito e não grandes empresários que nem conhecem seus funcionários ou moram no país de origem daquele produto é um dos caminhos viáveis e sustentáveis.

No primeiro capítulo faço uma análise, primeiramente, pessoal entre sociedade e comunidade, com algumas características para tentarmos distingui-las e classificá-las. Também análises do mesmo assunto do sociólogo Ferdinand Tönnies (século XIX) e que diferenças podemos observar nos conceitos dele e como é a realidade das sociedades e comunidades no Ocidente no século XXI.

No segundo capítulo, descrevo um exemplo real de eco revolução na década de 1990 na ilha de Bougainville (nordeste da Austrália) e o que quero dizer com sociedades sustentáveis. Críticas e propostas a todo momento, sugerindo um caminho de discussão e ação, e a alternativa de construção de comunidades lideradas segundo suas necessidades em vez de grandes sociedades e governos, estados, que não dão conta de gerir e solucionar demandas coletivas.

No terceiro capítulo compartilho minha experiência morando em um local que tem por objetivo uma rotina mais ecológica e permacultural, porém ainda não sustentável. Quais foram as dificuldades coletivas e individuais, quais foram os projetos executados e propostas de melhoria.

Na conclusão (não-conclusiva) expressei um devaneio sobre minhas

inquietações quanto ao sistema econômico e social vigente, reafirmando a necessidade da discussão e ação de medidas mais harmoniosas entre os seres, visando o fim das ilusões midiáticas, mercadológicas, do uso escravo da natureza e do homem, e o fim da ignorância. Incluindo uma visão também espiritualizada, de conexão com sabedorias ancestrais e de tradições indígenas, quilombolas, locais.

Capítulo Um: Sociedade e Comunidade.

Uma sociedade ou comunidade se divide em diferentes tipos. Geralmente grupos de pessoas que têm algo em comum como a linguagem, território que habitam, vestimenta, legado cultural e histórico. A junção destas características e as diferenças culturais de cada grupo social são representadas de diversas formas nos comportamentos, regras e normas da comunidade a qual esses grupos sociais pertencem. A forma como uma sociedade funciona demonstra claramente como ela trabalha a desigualdade social, saúde pública e audiências ou acordos políticos coletivos (políticas públicas), educação, igualdade de gênero, divisão de trabalho, entre outros. As regras e normas de uma sociedade ou comunidade podem ajudar a demonstrar e esclarecer qual a história e cultura da mesma.

Atualmente, no século XXI, vivo em uma sociedade que pode ser entendida como um agrupamento de indivíduos que possuem alguma relação de interesse econômico-político-cultural entre si. Estado, governo e parlamentares geralmente sustentando o aparato burocrático, e com complexa divisão de trabalho. Os contatos sociais, em geral, são secundários, com relações formais e impessoais, sem compromisso ou dependência mútua igualitária.

Devido ao fluxo intenso de produção em massa de informações, produtos (compra, venda e troca) e pessoas, a sociedade moderna pós-industrializada, tecnológica e globalizada permitiu aos terráqueos a oportunidade da comunicação mais rápida, mesmo que às vezes limitada. Nos últimos anos, a internet em escala mundial possibilitou que informações úteis e inúteis a sociedade fosse disseminada sem véus e fronteiras, transformando gerações (na maioria das sociedades). Entretanto, em consequência das transformações tecnológicas bem-sucedidas, os indivíduos tornaram as relações social, ambiental e consigo mesmos mais desconectadas e superficiais.

Essa atitude acontece, entre outros fatores, devido ao grande fluxo de encontros e desencontros diários que a maioria da população mundial vivencia nas cidades e urbes. Convivem e conhecem muitas pessoas diariamente, mas apenas superficialmente. Conectadas a esta atitude, as relações modernas não necessariamente têm troca de afeto, mas geralmente tem troca de interesses. Daí surge a dúvida: em quem confiar? Nem sempre há tempo para se conhecer tão intimamente essas pessoas novas e se envolver afetivamente com elas. Numa pequena cidade ou comunidade isso dificilmente aconteceria. As pessoas se conheceriam bem (e às vezes até demais). Possivelmente conheceriam a rotina e problemas dos vizinhos e saberiam reconhecê-los na rua (ou melhor ainda, saberiam identificar quem não é dali).

Outro fator que pode ter contribuído para o afastamento dos indivíduos de sua essência e com a natureza, em consequência da globalização a qualquer custo, é o incentivo de informações e imagens nas mídias e meios de comunicação inúteis, egoicas, fomentando o consumo, pornografia, violência e medo. As mídias são excelentes ferramentas para disseminar um acontecimento, notícia, informações em geral. Ela poderia ser muito mais útil se ensinasse diretamente formas básicas de sobrevivência e saúde, construção, manutenção, plantio, primeiros socorros, entre outros, por exemplo.

Um sistema de informação (mídia de massa e educação) e sistema econômico capitalista explorador ajudam a gerar competitividade nas relações. As relações se constroem dentro de espaços e grupos, geralmente sem grande envolvimento emotivo das partes (transportes públicos, empresas e agências, salão de beleza, shopping centers, praças públicas, academia, universidades, entre outros). As pessoas interagem de forma impessoal. O objetivo se torna seus próprios problemas e afazeres.

Denomino relações como todos os tipos de contato possível entre dois ou mais seres vivos ou não. Seja com outro humano ou animal, vegetal, mineral, seres inanimados (amigo imaginário), plano espiritual e consigo mesmo. Relações são laços de afeto. Quando incentivados positivamente geram desenvolvimento pessoal e espiritual. Quando negativo gera rancor, ódio, sentimento de solidão, abandono, vingança e relações sem envolvimento emocional. E há as relações com ausência de afeto. O outro se torna neutro. Não se odeia nem ama, é como se o outro não existisse.

Proposição 6. A força de uma paixão ou de um afeto pode superar as outras ações do homem, ou sua potência, de tal maneira que este afeto permanece, obstinadamente, nele fixado.

Demonstração. A força e a expansão de uma paixão qualquer, assim como sua perseverança no existir, são definidas pela potência, considerada em comparação com a nossa, da causa exterior [...]. Logo [...] essa força pode superar a potência do homem, etc. (SPINOZA, 2013, pág. 162).

A comunidade é uma concepção quase que idealizada, utópica. Lá as pessoas, bichos e natureza vivem em total harmonia. Muitas pessoas idealizam comunidades sustentáveis. Lá todos se comunicam sem medo ou julgamento, desenvolvem sem receio e com clareza suas habilidades psíquicas e manuais. Porém, viver em sociedade ou em comunidade é um desafio diário. Não creio que haverá uma era humana onde a paz mundial cobrirá seu manto sobre a Terra. A paz mundial é uma conquista que não se esgota. Afinal, conviver (com) e desenvolver seres humanos e a si mesmo é um desafio diário.

Denomino comunidade como um agrupamento de indivíduos em contato social primário, com sentimento de solidariedade e alteridade, relações informais, contato e relações pessoais, íntimas (família, aldeia, vizinhança), e de mútua cooperação. Podem possuir (assim como as sociedades) o local de moradia em comum, líderes ou governos, normas, legados.

Em uma comunidade, todos os habitantes sabem perfeitamente a divisão ou extensão de seus territórios, sabem e respeitam o limite próprio e alheio (limites humanos – outras tribos e clãs – ou florestas, oceanos, rios e toda a vida que os rodeia), desenvolvem capacidade de realizar observações pessoais e autocríticas em prol da evolução física e espiritual, nos campos pessoal e coletivo. Geralmente todos possuem um objetivo comunitário igual ou semelhante em atividades ou apenas no estado de espírito (quando um indivíduo, mesmo sem conhecer o outro, o respeita. Algo como um sentimento de irmandade entre pessoas sem laço familiar ou de parentesco). Independentemente da idade, sexo ou classe hereditária social e econômica desta comunidade. Essas atividades são necessidades locais, porém respeitando e coexistindo com a natureza que os alimenta e abriga. Utopicamente essas pessoas seriam completas, felizes, satisfeitas, acostumadas a concretizar objetivos em grupo e tem um acordo mútuo sentimental ou emocional.

Os indivíduos que vivem na cidade (no meio urbano, o que estou tentando conceituar ou definir como sociedade) fazem discursos diários com amigos, no trabalho, nas redes sociais, em qualquer lugar, que estão insatisfeitos com o lixo nas ruas, com a corrupção dos seus governos, que as empresas e famosos estão cada dia mais ricos e eles mais pobres, endividados, sem oportunidade de crescimento intelectual e econômico. E mesmo em tempos como hoje considerados de crise econômica no Brasil tem muita gente ficando cada instante mais rica. Como isso é possível? Alguém sustenta essa pirâmide!

É intrigante observar que, mesmo após centenas de anos, quem sustenta a casa grande continua sendo a senzala. Parece que não percebemos que os personagens da história do Brasil e do mundo mudaram, mas a história (e objetivos) em si são os mesmos. Que objetivos são esses que grandes empresários, banqueiros, artistas, governantes e ditadores almejam? Lucro, dinheiro, capital. Acúmulo de riqueza. Manipulação da população para maior produção e consumo.

Ausência de incentivo às críticas sobre o sistema que gestiona as sociedades em geral. Ou seja, emburrecimento, dependência e domínio sobre as mentes e corpos dos indivíduos. Repressão física e psicológica. Segregação econômica e racial. Idolatria de pessoas idiotas que não se importam com nada nem ninguém além da ilusão do sucesso, reconhecimento mundial e ostentação financeira e estética. Entre outros, obviamente.

Viver em pequenos grupos de pessoas pode ser a solução dos diversos problemas nas sociedades do século XXI que atingem diretamente o bem-estar de toda a população. Algo como pequenos governos ou Estados, prefiro até dizer que lideranças locais seriam o ideal. Comunidades que não necessariamente dependem de outras para suprir necessidades básicas como moradia, alimento, saúde, transporte, entre outros.

1.1 – Sociedade e Comunidade no Século XIX.

O alemão Ferdinand Tönnies foi um impulsionador da Sociologia no século XIX e influenciou filósofos como Friedrich Nietzsche. Criou dois conceitos (ou ideais) de grupos sociais. Basicamente, apresenta que toda relação social é criação da vontade humana, portanto, existem dois tipos de vontades ou interações humanas: a natural/essencial (*Wesenswille*) e a racional/arbitrária (*Kurwille*). A primeira seria uma vontade básica, orgânica, instintiva e de expressão sentimental espontânea. A segunda tem relações mais impessoais, é artificial, tem caráter deliberativo, sendo as relações menos importantes que os objetivos ou finalidades, interesses particulares. Em 1887 publicou sua mais importante obra chamada *Gemeinschaft und Gesellschaft*, conceitos de Comunidade (grupos rurais ou pequeno urbano, cooperativos, religiosos, familiares) e Sociedade/Associação (organização de grande escala, industrial, cosmopolita, urbana, moderna, com governos burocráticos).

Ele estava tentando compreender como as sociedades fazem suas transições de tradicionais ou rurais para modernas e urbanas. Essas organizações sociais são resultado dos dois tipos de vontade social que, conforme a crescente racionalização do ser humano nos últimos séculos, tenderia ao processo de modernização.

Nas relações de comunidade a igualdade e liberdade seriam as necessidades primárias, também dependência mútua, sentimento de afeto, união, comunhão, compartilhando espaços, vida comum e um certo parentesco, consanguinidade e afinidade. Nos princípios da convivialidade há três leis: todos se gostam reciprocamente (parentes ou vizinhos), por isso, há consenso, e conseqüentemente, convivem, se entendem e permanecem juntos. Nas relações comunitárias, Tönnies elabora três divisões: as autoritárias (predominantes, desigualdade de poder, força – pais e filhos), companheirismo (irmãos) e mistas (cônjuge). Em comunidades de sangue/território (vida animal), espiritual (vida mental) e níveis mais primários existem em todos os seres orgânicos (ecologia humana). Imaginava que a cidade, enquanto local de muitas trocas, relações e objetivos, trocava e compartilharia diversos elementos de sociabilidade (casa, aldeia e cidade – família, vizinho e vila), e mesmo na relação profissional ou num culto religioso existe a ideia de comunidade, dentro da sociedade/cidade, uma sociabilidade comunitária existente na sociedade urbana e capitalista, marginal (cooperativismo, novas culturas de comunidade inseridas nos padrões de convivência na sociedade). Quanto mais os meios rurais se transformassem em modos de vida mais urbanizado, as relações sociais também se modificam, os grupos sociais de laço pessoal, tradicional, de consanguinidade perderiam força, se submetendo às necessidades da vida urbana, à razão e interesse individual (transição da vontade natural para a vontade arbitrária).

Para Tönnies, a vontade arbitrária é consequência da crescente mercantilização e industrialização das sociedades. O dinheiro e a troca financeira se

torna base da construção ideológica e de convívio, um elemento essencial na estrutura da sociedade, permitindo uma troca sem precedentes, onde tudo e todos podem ser comercializados. A cidade se torna morada da burguesia, de exploração trabalhadora e de hegemonia dos capitalistas. Os pensamentos em parte são livres porém condicionados aos meios de produção da vida material.

Capítulo Dois: Eco revolução.

Em 1999, o documentário “A Revolução dos Cocos” mostra a história de luta da população da Ilha de Bougainville, localizada no nordeste da Austrália, no Oceano Pacífico, contra a companhia binacional inglesa-australiana Rio Tinto Zinc especializada em mineração.

A ilha passou por um histórico de colonização muito incerto, sendo ocupada por diversos países nos últimos séculos. Em 1768, o navegador e escritor francês Louis de Bougainville explorou e posteriormente ganhou “as maiores das Ilhas Salomão, um estreito no grupo das Novas Hébridas e o Bougainvillea” de Napoleão Bonaparte por ser senador, conde e membro na Legião de Honra. Em seu livro *Voyage autour du Monde* de 1771, Louis idealizou uma civilização livre de corrupção com o termo “nobre selvagem” influenciando as utopias de Jean-Jacques Rousseau anos depois.

Após a Guerra Napoleônica, a Inglaterra trocou com a Alemanha a ilha de Bougainville pela Samoa (Ocidental até 1997). Na Primeira Guerra Mundial a Austrália dominou o território. Na Segunda Guerra Mundial o Japão ocupou e batalhou em um grande conflito contra os EUA dentro da ilha. Logo depois a Austrália dominou novamente. Em 1975, a Ilha de Bougainville começa a fazer parte do país Papua Nova Guiné, após independência (e contra a sua vontade).

Essas guerras mataram milhares de pessoas incluindo habitantes da ilha. Percebendo o histórico político de Bougainville brevemente, se constata que a população bougainvilleana nunca teve voz ou espaço de luta, muito menos direito sobre a terra que eles cuidavam e consideravam sua casa.

Com influência contínua da Inglaterra no território australiano (desde a rainha

Elizabeth I – século XV) e conseqüentemente também na Papua Nova Guiné, na década de 1970 iniciam uma escavação a procura de cobre com extensão de 7 Km² e destruindo mais de 2 Km² de selva em Bougainville, financiado pela mineradora Rio Tinto Zinc e pela Bougainville Copper Limited (subsidiária australiana). A rebelião dos bougainvilleanos estourou em 1988 quando trabalhadores e civis exigiram que a mina (conhecida como Panguna) fosse fechada e que a BCL indenizasse a população em dez bilhões de dólares. Francis Ona era funcionário da mineradora na época e fez a mediação entre ela e a população. Com sua proposta ignorada pela empresa, roubou 50 Kg de explosivos e começou uma revolução na mina e na ilha. Destruindo várias instalações e conseguindo reunir aliados, Francis fez a companhia perder mais da metade das exportações. As tropas de choque da Papua Nova Guiné iniciaram o contra-ataque. Foi autorizado que queimassem casas e matassem qualquer um. A revolta só cresceu e Francis juntou mais aliados. O exército da Papua Nova Guiné foi enviado (PNGDF) e em paralelo a Austrália estava treinando um exército para combater especificamente a revolta de Bougainville. Francis Ona se tornou o inimigo público número um da Papua Nova Guiné.

Nesse meio tempo, uma grande parte da selva foi devastada e o rio Jaba, que servia de descarte de resíduos da mina, foi totalmente contaminado com mais de 1 bilhão de toneladas de cobre, mercúrio, chumbo e arsênio. A água se tornou inútil para beber ou se banhar, não há nenhum tipo de vida no rio e suas margens têm aspecto lunar. Segundo Francis Ona, o rio vai demorar mais de 200 anos para estabelecer um equilíbrio ecológico e ficar limpo novamente.

As atividades na mineradora pararam completamente. Em 1990, a Papua Nova Guiné percebe que o Exército Revolucionário de Bougainville (BRA) não só desejava o fechamento da mina, mas independência, se autodeclarando República de Bougainville. Além de atacar e matar, o governo da Papua Nova Guiné bloqueou durante sete anos qualquer acesso marítimo de Bougainville ao mundo externo. Um

décimo da população morreu de fome, doenças, falta de abrigo e nos combates da guerra (em torno de 15 mil pessoas). Acreditavam que assim a população se revoltaria contra a BRA. Porém, mais uma vez, a resistência dessa comunidade prevaleceu contra a colonização.

O bloqueio incentivou as pessoas a criarem alternativas sustentáveis já que milhares estavam morrendo pela falta de mantimentos e remédios (proliferando a malária, pneumonia, tétano e disenteria), além de contato constante com materiais tóxicos da mina desativada.

Na guerra, utilizavam armas como estilingues e flechas contra metralhadoras, eram conhecedores da região, faziam armadilhas, coletavam materiais abandonados na mina de Panguna para fazer armas (e construir imóveis e móveis) e catalogavam as armas criadas. Às vezes capturavam rifles de alta potência dos exércitos estrangeiros. Estrategicamente, colocavam ervas nas trilhas da floresta onde aconteciam os confrontos e ao pisar nelas os inimigos ficavam doentes (testículos e pênis inchavam, por exemplo). Colocavam veneno feito de ervas nas balas para atingir e debilitar os inimigos. Mecânicos, operários, agricultores, comerciantes se tornaram guerrilheiros, aprenderam e executaram estratégias de guerra.

Na alimentação passaram a construir e desenvolver hortas enormes, em culturas rotativas com batatas, inhame, mandioca, cebola, milho, amendoim, entre outros. Ervas medicinais e os conhecimentos ancestrais auxiliam na cura de diversas doenças, inclusive há relato de ex-aidético na ilha (sem comprovação ou relatório médico).

A natureza se tornou aliada dos habitantes de Bougainville. O coqueiro é a planta em maior abundância na ilha e se tornou a matéria-prima mais utilizada por eles. Dele e do seu fruto fazem três tipos de óleo que limpam as armas, acendem

lamparinas e fazem sabão, com as folhas constroem telhados e utensílios (sacos, chapéus). A água tem ferro e hidrata ajudando nas caminhadas e proteções armadas à ilha. A carne do coco usam em curativos na forma de emplasto e ao queimar espanta mosquitos. A casca do coco vira lenha. Usam o leite de coco para cozinhar legumes e carnes.

A revolução de Bougainville é considerada a primeira Eco revolução do mundo. Reutilizam todo o lixo para construir equipamentos, casas, utensílios e consertar automóveis. Do óleo do coco fazem combustível para carros, menos nocivo ao ambiente do que o diesel e com capacidade de percorrer o dobro de distância. Para gerar energia elétrica construíram mais de cinquenta pequenas hidroelétricas, armazenando a energia em geradores, funcionando 24 horas por dia. É uma luta social e ambiental. Tiveram que mudar toda a sua estrutura econômica, política e social, sua forma de cultivar e consumir o alimento, trabalhar, acumular bens, toda a estrutura social que existia se desfez dando início à forma de comunidade sustentável atual, justa com toda a população. Dizem não depender de outros povos pois sabem viver com o que tem, incentivando e desenvolvendo talentos naturais. A ilha se tornou um centro educacional e universitário de vida sustentável sem custos ou cobranças. Apenas compromisso e vontade de realizar novos objetivos, mais ecológicos, justos, para todas as idades, atentos aos talentos individuais.

Devido ao legado colonial e ao isolamento, sendo ignorados por todo o mundo, passaram a idolatrar o cristianismo, pregam o evangelho e alguns tem premonições sobre ataques ou localidade do inimigo. Pedem benção e agradecem as proteções a Deus e Jesus Cristo. Mas também veneram a Mãe Terra.

Em 1997, a Papua Nova Guiné contratou mercenários para fazer o que o Exército Nacional (PNGDF) não conseguia. Uma companhia londrina chamada

Sandline International recebeu 36 milhões de dólares para executar essa guerra, sendo a BRA a maior ameaça armada que já enfrentaram. Com essa atitude, falta de recursos para se manterem na ilha e falta de pagamento, os soldados do Exército de Papua Nova Guiné (PNGDF) se aliaram à população de Bougainville, se sentindo humilhados pela presença e pagamento de soldados estrangeiros. O governo de Papua Nova Guiné retirou os mercenários da ilha (e do continente) devido à pressão dos soldados. Após a queda dos mercenários e notícias sobre a ilha nos meios de comunicação do mundo todo, a Papua Nova Guiné, a Austrália e a Inglaterra iniciaram uma negociação de paz.

Na divisão governamental, Francis Ona na época do documentário era o presidente da ilha e realizava serviços sociais em uma clínica geral local chamada *Francis Biological Medical Foundation*. Já curou malária, lepra, apendicite e câncer sem operar, indica contraceptivos naturais e vegetais para mulheres que não as prejudica. Sua postura era de guerreiro, mas simplório, curando várias pessoas com medicinas nativas e coordenando todo o funcionamento da ilha. Sempre acompanhado de outros membros que ajudavam a organizar esta comunidade. Criaram um Estado separatista que dependem do coqueiro para se sustentar e sobreviver. Inovações ecológicas foram criadas e essa política inspirou outras comunidades da região, que também tiveram suas selvas devastadas pela mineração, a seguirem o mesmo caminho de independência. A luta de Francis era pela resistência quanto à entrada de estrangeiros na ilha para explorá-la. Acredita que um bom líder “deve descer e limpar a sujeira para o seu povo. O líder deve limpar as botas de seu povo”.

Anos depois, o bloqueio foi extinto e o governo de reconciliação assumiu a liderança. Essa liderança passou a ser de Joseph Kabui. Eleito pela população junto da criação do Congresso do Povo de Bougainville (auxiliando nas eleições).

O discurso é que estão lutando pelo homem, sua cultura, pela terra, o ambiente e a independência da ilha sobre o resto do mundo. Eles dão um valor imensurável à terra e seus frutos. Compreendem que é dela que a vida nasce, se desenvolve, reproduz e retorna após a morte. Consideram a terra sua própria “vida, mãe e proteção”.

Atualmente, o maior interesse dos grandes empresários, banqueiros e governantes é o livre mercado de todas as coisas possíveis e lucráveis do planeta. Progredir de mãos dadas com uma economia viável, sustentabilidade e harmonia com os seres enquanto a maioria das pessoas não se importa com nada além delas mesmas ou de seus clãs se torna uma luta contra o sistema do capital. Criação de uma sociedade sustentável (o que pretendo defender aqui) contra a insustentável (sociedade atual).

2.1 – Sociedade e Comunidades Sustentáveis.

Antonio Diegues faz uma análise interessante no artigo “Sociedades e comunidades sustentáveis” (2003) quando percebe que cada grupo social tem um interesse e conceito político próprio, ou seja, aqui expresso uma ideia de comunidade atualmente inexistente, de harmonia e felicidade com tudo ao nosso redor, mas cada grupo pensará comunidade de uma forma diferenciada: destruição, equilíbrio ou reverência à natureza. O conceito que acredito ser justo e equilibrado não é o que a natureza sustenta o homem, que ela está aqui a nosso dispor. Este é um conceito, primeiramente, da Igreja católica colocando o homem acima de tudo e todos. Os seres humanos não são nada além de uma pequena partícula que compõe uma inteligência coletiva. Não menos importante, porém não acima de nada nem ninguém.

Diversos governos e instituições privadas neoliberais, enraizadas em suas ideologias políticas capitalistas e individualistas, consideram a degradação e desequilíbrio ambiental como algo inerente à ação deles. Divulgando em diversas mídias e congressos, inclusive, que “os graves problemas ambientais” são “simples externalidades e não elementos constituidores das políticas e decisões tomadas para o benefício de uns poucos” (DIEGUES, 2003). Consideram uma sociedade sustentável porque há leis que limitam os decibéis do som emitido pelas usinas e fábricas que mesmo assim ensurdecem os moradores do local, ou criam um equilíbrio entre economia e ecologia limitando a emissão de gases tóxicos na atmosfera, ou dão descontos e premiações nas taxações, ao invés de realmente criarmos uma sociedade sustentável e saudável, de bem-estar coletivo, com participação e voz de decisão da população em todas as esferas políticas e governamentais. Que o bem-estar coletivo seja mais importante que a riqueza monetária e material. Estas são medidas imediatistas e ilusórias porque não transformam a sociedade e o cotidiano das pessoas. Apenas cria um véu de ilusão da preservação ambiental, ou melhor, a ilusão de que realmente estão construindo uma sociedade ecológica.

Diegues (2003) sugere que em vez de desenvolvermos a sociedade atual deveríamos refletir e agir para a construção de comunidades e sociedades sustentáveis.

Nesse sentido, podemos falar de uma nova utopia que se confronta com as políticas neoliberais em que o mercado aparece como a grande “natureza”, como a divindade prometeica, cujo panteão localiza-se na Organização Mundial do Comércio. [...] A construção de comunidades e sociedades sustentáveis deve partir da reafirmação de seus elementos culturais e históricos, do desenvolvimento de novas solidariedades, do respeito à natureza não pela mercantilização da biodiversidade mas pelo fato que a

criação ou manutenção de uma relação mais harmoniosa entre sociedade e natureza serem um dos fundamentos das sociedades sustentáveis (DIEGUES, 2003:1- 2).

O caminho da construção ou renovação das sociedades de consumo exacerbado que vivemos hoje para uma sustentável e harmoniosa depende principalmente da forma como a economia e as relações sociais funcionam e são incentivadas. E não há porque continuar desenvolvendo uma economia global que não se sustenta, que precisa de outras pessoas, vivendo em outras cidades, países, continentes, para poder existir. A economia atual é de dependência, onde muitos trabalham para ganhar pouco e poucos trabalham quase nada e ganham muito (financeiramente).

Privilégios são injustos e refletem que tipo de população somos e pertencemos, e como permitimos sermos submissos e dominados. Nos alienando com as grandes mídias que delicadamente vão inserindo no subconsciente da população as vantagens e desvantagens de seguir o sistema. Há os que não obedecem e não se submetem, há os que confrontam o sistema e não só se excluem dele. À esse grupo de pessoas, principalmente anarquistas, resta paciência e cautela, uma luta às vezes silenciosa, contornando o sistema, o modificando de dentro para fora. Neste momento está ocorrendo na região Sul do Brasil uma grande represália aos cidadãos que confrontam e questionam a atuação dos governantes, da polícia e das grandes empresas no funcionamento da sociedade. Questionando se realmente precisamos ser dominados para coexistirmos e vivermos em harmonia. Refletindo que a ignorância está sendo o pior inimigo da população. E que o Estado brasileiro é repressor e fascista.

Construção de uma sociedade sustentável é um processo contínuo de mudanças sociais e nas relações econômicas. Uma das maiores diferenças entre a

sociedade atual e a utópica que defendo aqui são as prioridades e objetivos, principalmente quando se referem ao tempo. Muitas propostas governamentais e privadas, projetos sociais e culturais, realizam medidas paliativas, de curto prazo, geralmente não estudando as consequências de certas ações para as futuras gerações e se estão abrangendo todas as classes e grupos.

Para os empresários trata-se, no fundo, do desenvolvimento que possa garantir a sustentabilidade da taxa de lucro, baseada sobretudo na criação e venda dos equipamentos contra a poluição. Para certos governos, o termo muitas vezes constitui o preâmbulo de documentos oficiais para solicitação de empréstimos internacionais a organismos financeiros que foram obrigados a introduzir em seus critérios de aprovação de projetos as variáveis ambientais. No âmbito internacional esse conceito é frequentemente utilizado como um adjetivo a mais, carente de uma reflexão mais ampla sobre as causas sociais e econômicas da degradação ambiental e da marginalização cada vez mais crescente de amplos setores das populações. Em casos extremos, trata-se da maquiagem de velhos discursos com uma colaboração verde (DIEGUES, 2003:5).

Uma comunidade ou sociedade ter uma política de conservação da natureza que priorize apenas isso ou uma cultura restrita aos poucos não é o que defendo. Esta situação ocorreu, por exemplo, no *III Reich*, no período do nazismo onde preservavam a flora, a fauna e proibiram desde 1933 testes em animais vivos para fins científicos e psicológicos. Segundo Antonio Carlos Vitte (2017) “para o Nazismo, preservar a paisagem e a natureza era estratégico, não por causa de recursos naturais, mas pelo poder simbólico que a todo instante era acionado no imaginário e que procurava religar a comunidade à história da raça”. Algo como uma “reforma racial e de purificação racial”. Utilizavam, inclusive, manejo de florestas (sistema agroflorestal) e fundamentos da agricultura biodinâmica, método muito utilizado por Rudolf Steiner na década de 1920 que compreende a agricultura como um conjunto de fatores químicos, biológicos, espirituais, astrológicos e um pouco místico. Segundo John Paull (2011), a Alemanha é o país que mais utiliza esse método no

mundo, em torno de 45%. Vitte (2017), citando Anna Bramwell (1985), diz que incentivam “a população alemã a um maior consumo de alimentos de origem vegetal, mas desde que fossem nativos”.

Antonio Diegues (2003) chama a nossa atenção para esta questão: mesmo numa sociedade que preserva a natureza, tem uma relação de respeito e conservação, que esse conhecimento e rotina não seja limitada. Que todos tenham acesso à este estilo de vida mais equilibrado, harmonioso, com menos estresse, ansiedade ou depressão. Que essa população se permita viver de forma mais saudável, respeitando os espaços alheios, compreendendo seus limites e o dos outros. Que consigam se conectar com suas forças ancestrais e que suas personalidades e talentos sejam aflorados para o bem-estar coletivo.

Daí a necessidade de se prestar atenção em problemas cruciais como a democratização do acesso aos recursos naturais pelos vários setores da população e na distribuição dos custos e benefícios do desenvolvimento [...] participação política, recomendando um equilíbrio entre o uso dos recursos e o crescimento demográfico (DIEGUES, 2003: 2).

Grupos sociais menos desfavorecidos financeira e socialmente não devem ser objetos que auxiliam para o país se desenvolver, mas como agentes da mudança, sujeitos ativos na sociedade ou comunidade, políticas públicas que dão prioridade não ao desenvolvimento ou crescimento econômico em si, mas a qualidade de vida e bem-estar coletivo.

Há a necessidade de uma reestruturação no modo de plantio e consumo dos alimentos por parte da população e órgãos responsáveis por esse processo. Diversas áreas arbóreas estão sendo devastadas há séculos para a produção monocultural de alimentos. Além da falta de conhecimento sobre as alternativas de

plantação, queima da colheita anterior para plantar uma nova e “ervas daninhas” como prejudiciais. Diversas sementes foram mudadas geneticamente, uma seleção artificial de espécies foi criada e disseminada, gerando um consumo insustentável de alimentos que não deveríamos consumir o ano todo, sendo necessário o uso de agrotóxicos e outros pesticidas para afastar ou matar insetos e “pragas” que tomam conta dessas plantações.

Atualmente, o número de pesquisas, de mãos dadas com estudantes e agricultores envolvidos no processo de mudança desta forma insustentável de plantio, está crescendo. Há a consciência de que as “ervas daninhas” são muito úteis no reconhecimento das deficiências ou excessos no solo (de cobre, ferro, nitrogênio), que plantações em monocultura são caríssimas, ainda mais as orgânicas. E insustentáveis. A alternativa não é pensar a natureza pela racionalidade humana, mas da própria natureza. Observando seus ciclos, chega-se a conclusão que o melhor plantio é o Agroflorestal. Um sistema ecológico, natural, que utiliza da sabedoria da Mãe terra para produção de alimento em larga escala, em abundância, sem toxinas e sustentável. Conhecimento é o que nossa população precisa. Oportunidade de conhecer outras formas de viver, conviver, consumir e trocar. Diversas espécies de plantas estão desaparecendo para dar lugar a plantações de poucos tipos de alimento. Atualmente estudamos bastante as plantas alimentícias não convencionais tentando compreender e disseminar a prática de uma alimentação mais pautada no ciclo natural do que no ciclo humano de consumo egoico, onde antes de sabermos o que ou não para comer, decidimos o cardápio. Novamente, como se a natureza (plantas, frutos, animais) estivessem aqui a nossa dispor.

Geralmente, pessoas que dependem diretamente dos ciclos da natureza para trabalharem e sustentarem suas famílias são os que mais a preservam; culturas tradicionais de pescadores, agricultores familiares, indígenas e quilombolas.

Paradoxalmente, dentre os mecanismos propostos para a manutenção da diversidade biológica, o estabelecimento de áreas protegidas (parques, reservas ecológicas, etc.) tem sido um dos fatores de redução dessa diversidade cultural. Isso é devido, em grande parte, à concepção de parques e reservas ecológicas importada dos países industrializados que criaram essas áreas fundamentalmente por razões de preservação da beleza cênica, para fins de turismo, recreação, etc. (exemplo são os parques dos Estados Unidos). Segundo essa concepção, os parques têm de ser espaços desabitados por populações humanas que, no processo e sua criação, têm de ser transferidas das áreas a serem preservadas. No caso dos países em desenvolvimento, no entanto, frequentemente ecossistemas naturais foram conservados, em grande parte por populações tradicionais que possuem fortes vínculos culturais com esses ambientes. Esses habitantes, pelo seu sistema de produção material e não-material, dependem da preservação dos ambientes em que vivem e desenvolveram sistemas engenhosos de manejo dos recursos naturais. Daí a necessidade de serem mantidas essas populações, incentivando o uso moderado dos recursos naturais, e apoiando-as em sua busca de melhoria da qualidade de vida (escolas, educação, etc). Por isso, a manutenção da diversidade biológica, em muitos países do Terceiro Mundo, passa pelo respeito a esses habitantes (DIEGUES, 2003:3).

Como cidadãos e gestores de espaços públicos e privados, os produtores culturais também têm seu papel na construção e reformulação das práticas e propostas neoliberais (que priorizam crescimento econômico e social restrito, limitador e desigual), para uma relação com mais ênfase às tradições culturais locais, normas próprias, de acordo com a vontade coletiva, não de governantes e empresários. E não invalidando “as conquistas universais hoje consolidadas nos princípios da Declaração dos Direitos Humanos e outras declarações e acordos mais universais que devem estar na base da sustentabilidade sob o prisma da participação democrática na construção das sociedades sustentáveis” (DIEGUES, 2003:4).

A conceituação de "sociedades e comunidades sustentáveis" [...] relança, de alguma forma, a necessidade de se criarem novas utopias para o século XXI. Ela acena para a necessidade de se

pensar na diversidade de sociedades sustentáveis, com opções econômicas e tecnológicas diferenciadas, voltadas principalmente para o "desenvolvimento harmonioso das pessoas" e de suas relações com o conjunto do mundo natural. (DIEGUES, 2003:6).

Capítulo Três: Sítio Itamaracá.

Entre os distritos de Itaocaia Valley e Chácaras de Inoã, o Sítio fica localizado no bairro de Itaipuaçu, Maricá, RJ. Com quase 2 hectares, à base da floresta da Pedra de Itaocaia, em 1969 o Sítio Itamaracá foi comprado pela família Albuquerque Souza com o objetivo de lazer aos finais de semana, festas e encontros. Além de espaço para estudo prático do dono, Hermes Souza, na construção de sistemas de captação da chuva, plantios de árvores frutíferas, construções em alvenaria e pedra, entre outros.

Hermes faleceu em 2006 e dez anos depois, Gustavo, com o apoio da família, vem transformando o local em uma escola de permacultura para ele, o irmão, amigos e quem mais se interessar em colocar em práticas seus projetos, inseridos na mata e tendo como objetivo uma vida auto suficiente ou sustentável. Neto de Hermes e atual morador do Sítio, Gustavo decidiu se mudar para após viver na cidade do Rio de Janeiro durante 26 anos.

A primeira vez que sonhei morar em meio à floresta foi há 10 anos. Ainda no colégio, eu viajava bastante aos finais de semana para locais que tivessem cachoeiras e florestas a fim de ficar afastada de tudo e todos, acampando com poucos mantimentos à beira do rio. Pensava esporadicamente na possibilidade de viver da / na natureza, independente ao máximo das grandes indústrias, multinacionais, empresas que foram denunciadas por maus tratados a algo ou alguém, etc. Além de poder plantar meu próprio alimento, construir minha casa, conhecer pessoalmente os produtores dos produtos que compro, troco e consumo.

Éticas de Permacultura

-  cuidado de la Tierra
-  cuidado de la Gente
-  repartición justa

¿ Principios de Diseño

-  1. Observa & interactúa
-  2. Captura & guarda energía
-  3. Obten rendimiento
-  4. Auto-regulación
-  5. Usar y valora los recursos
-  6. Dejar de producir residuos
-  7. Diseño de patrones a detalles
-  8. Integrar más que segregar
-  9. Usar soluciones lentas
-  10. Usa y valora la biodiversidad
-  11. Usa los bordes y lo marginal
-  12. Usa y responde al cambio

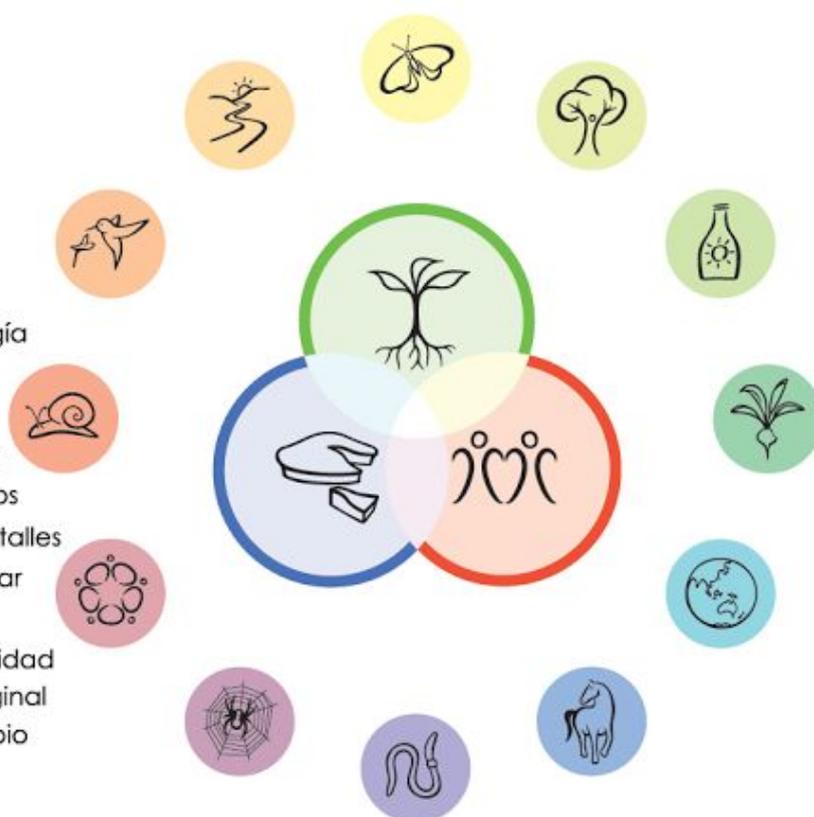


Figura 1: Princípios da Permacultura (Distribuição: Permaculture Principles: <http://permacultureprinciples.com>)

Reservei este sonho durante alguns anos a fim de vivenciar uma rotina mais comum, urbana, que fizesse a roda do sistema capitalista girar sem desvios. Precisava terminar fases de estudo, ter empregos formais para saber como é viver desta forma, entre outras experiências no meio urbano. Sentia que havia algo de errado com essa perspectiva de vida e decidi que não mais queria vivê-la. Dependente inteiramente de outros humanos para ter meu alimento, água, casa, roupa, transporte, estudo, saúde durante a minha existência.

Decidi iniciar o caminho da rotina sustentável na prática a partir de maio de 2016 quando comecei a frequentar o Sítio Itamaracá, me permitindo conhecer uma

nova realidade. Amigos próximos foram morar lá antes e quase todo final de semana entre maio e setembro eu estive lá também. Sentia que era um caminho para começar a me desconectar da cidade urbana e me inserir numa rotina rural. O interesse cresceu muito em pouco tempo e a facilidade que eu tinha de lidar com plantas e bichos só aflorou. A conexão com a minha própria essência e com esta essência coletiva que gosto de chamar de “consciência coletiva”, de conexão com uma forma Suprema (ou Deus), se multiplicou e ainda não parou. Demorei cinco meses para me organizar, me demitir do emprego, sair da casa onde morava, castrar minhas duas cachorras e me mudar. Este próximo ano seria uma experiência antropológica de como morar em um local que compartilha moradia, comida, atividades, tem o mesmo propósito e quer reduzir gastos em todos os projetos, reutilizando tudo que fosse possível.

Inicialmente morei em uma casa compartilhada, período que talvez tenha sido o mais difícil. Não tínhamos um quarto ou cama pessoal, os armários ficavam todos em um só quarto, a casa era pequena, úmida e tinha goteiras na casa (que reparamos diversas vezes). Não me considero uma pessoa egoísta, mas compartilhar coisas e espaços muito íntimos começou a me incomodar. De certa forma, mesmo numa sociedade de relações horizontais, a privacidade continua sendo muito importante, a meu ver. Morando há sete meses na casa compartilhada tive a oportunidade de mudar para uma privada, apenas com o Gustavo, que se tornou meu companheiro nesta jornada.

Em paralelo, em meados de 2017, todos os outros moradores e voluntários se mudaram para outras localidades e sítios que também fazem algum tipo de trabalho e rotina sustentável. As atividades no Sítio Itamaracá se tornaram mais exaustivas e nem tudo que havíamos planejado se concretizou no tempo esperado já que duas pessoas cuidando de dois hectares se tornou uma missão.

O Sítio Itamaracá oferece espaço para atividades colaborativas e cooperativas, trabalhando nas vertentes das artes, música, corpo e alma. Tem como missão proporcionar um ambiente fértil para realização de sonhos e projetos de vida de pessoas que almejam uma sociedade sustentável com relação harmoniosa entre a sociedade e a natureza. Realiza e recebe eventos e projetos que incentivam conexão entre pessoas que buscam autoconhecimento (consciência de atos próprios, realizar autocríticas e mudanças positivas), espiritualidade e benevolência, e que sejam financeiramente acessíveis a todos. É um local de experimentação independentemente da classe social, sexo, idade ou conhecimento sobre certo assunto.

Com base na permacultura (cultura ecológica permanente do ambiente a longo prazo), o Sítio realiza ações diárias mais sustentáveis e ecológicas, comparadas aos meios de produção vigentes atualmente que controlam as formas de produção, construções, educação, entretenimento e lazer, medicina, troca financeira, etc. O Sítio recicla e reutiliza todo o lixo (orgânico ou não); capta, armazena, filtra e utiliza água da chuva e poço; preserva e aumenta a floresta da Pedra de Itaocaia com o sistema agroflorestal¹, possui banheiro seco, ciclo de bananeiras, horta em mandala, galinheiro livre, bioconstrução e bioarquitetura. A busca é por uma rotina mais equilibrada e harmoniosa com toda a vida ao redor.

¹ Sistemas Agroflorestais (SAFs) são consórcios de culturas agrícolas com espécies arbóreas que podem ser utilizados para restaurar florestas e recuperar áreas degradadas. A tecnologia ameniza limitações do terreno, minimiza riscos de degradação inerentes à atividade agrícola e otimiza a produtividade a ser obtida. Há diminuição na perda de fertilidade do solo e no ataque de pragas (EMBRAPA, 2004).



Figura 2: Construção do Banheiro Seco pelo bioconstrutor Thiago Antonioli e por Guilherme Sousa, um dos donos do Sítio Itamaracá.



Figura 3: Construção da Horta em formato de mandala por voluntários, participantes do Retiro de meditação, donos do Sítio e conhecedores da permacultura.

Estar localizado em uma região mais afastada dos centros urbanos, sem saneamento básico (água encanada e esgoto), ter à disposição uma grande área para plantio e experimentações e uma floresta, proporciona aos moradores do Sítio a oportunidade de vivenciar, em parte, uma vida mais rural. Porém, ainda muito perto da principal avenida da cidade, o Sítio Itamaracá se tornou um local de passagem e experimentação de aprendizados e projetos de viajantes, permacultores e curiosos. Como um degrau em uma grande escada. Porém, não é um espaço que irá se transformar completamente numa comunidade sustentável devido aos empecilhos criados pelos donos do local e pais do Gustavo que estão acostumados

a uma rotina de descarte e consumo sem consciência. Querer transformar a própria realidade (e a de outros ao redor) requer, às vezes, mudanças mais drásticas e compromissos com o discurso pregado.

Desde maio de 2016, os moradores e voluntários já realizaram diversos projetos, mutirões de construção e limpeza ou cursos pagos. O Banheiro Seco foi construído pelo bioconstrutor Thiago Antonioli, voluntários e moradores. Foram utilizados bambu, garrafas pet, parafusos, porcas e folhas de palmeira em sua construção. O assento e tampa do vaso sanitário são de madeira e plástico. O método do banheiro seco substitui água na eliminação de resíduos de “água negra” (fezes e urina), cavando um buraco na terra de aproximadamente dois metros e armazenando os resíduos em processo de compostagem. Para evitar mau cheiro despeja-se cinza, serragem e palha após o uso. É uma tecnologia barata e simples, que evita o desperdício de água e tratamento do esgoto. Além de ser usado como adubo para plantas depois de seis meses.



Figura 4: Mutirão de limpeza e construção de canteiros para plantio.

Ainda em construção, o sistema de filtragem de “água cinza” (pia, chuveiro, tanque) está sendo executado por moradores. Ele consiste em filtrar, armazenar e reutilizar toda a água suja da casa compartilhada do Sítio, que futuramente se

tornará em um lago ou área de plantio para inhame, taioba e outras plantas que preferem ambientes úmidos e encharcados.

O Galinheiro foi construído em um Curso de Bioconstrução por pagantes, voluntários e moradores, e planejado pelos bioconstrutores Thiago Antonioli e Marcelo dos Santos, ambos professores do Lowconstrutores Descalzos (projeto de construção natural, arquitetura e educação ambiental). A construção teve como matérias-primas o barro marrom do próprio Sítio, troncos de madeira, bambu, palha, vigas de madeira, vidro, garrafas de vidro, telha de barro e telas de metal. Todo o material é proveniente do próprio Sítio ou de sucata recolhida em lixos e armazenada no Sítio para situações como esta. As técnicas utilizadas foram: tijolo de Adobe, cordwood (construção com troncos de madeira), bambu-a-pique, garrafas e placas de vidro para dar mais claridade, telas de metal para segurar as garrafas e ajudar na circulação do ar, e a massa de Adobe fresca (barro, palha, areia e água) que faz a ligação entre os materiais. Foram produzidos diversos tijolos de Adobe (barro, palha, areia e água) um mês antes do curso. Na pintura interna e externa, a técnica de tinta natural ou ecológica foi utilizada, tendo como matérias-primas o barro rosa encontrado e recolhido na praia de Itaipuaçu, cola ou polvilho azedo (para dar liga) e água.



Figura 5: Tijolos de Adobe produzidos um mês antes do Curso e os bioconstrutores Marcelo e Thiago.

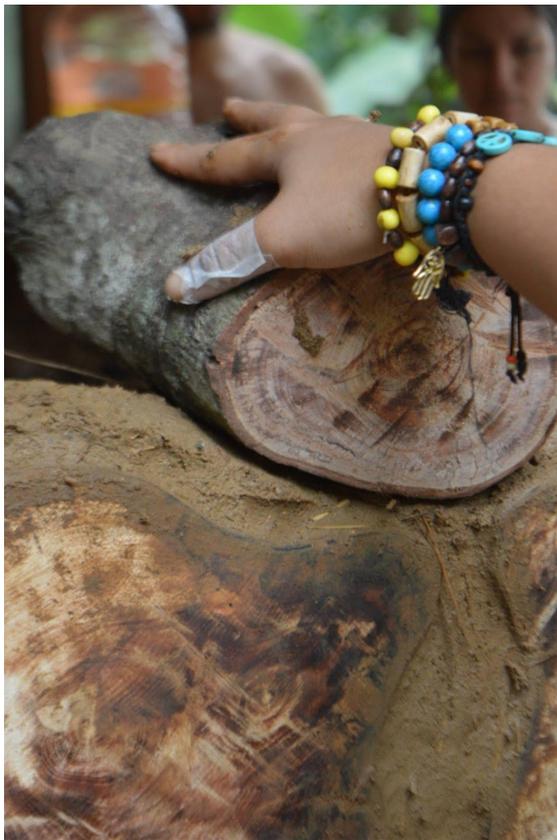


Figura 6: Técnica Cordwood



Figura 7: Técnica bambu-a-pique



Figura 8: Tijolos de Adobe, com massa de Adobe e vidro (a direita) deixando o ambiente mais iluminado.



Figura 9: Preparando a massa de Adobe.



Figura 10: Galinheiro construído e equipe reunida.

Consideramos o galinheiro livre, pois as galinhas se alimentam do que querem e quando querem, têm liberdade de ir e vir, se relacionar com outros ambientes e animais do local. Consomem diariamente trezentos gramas de alimento. Sendo um terço de suas refeições diárias ração com milho e soja transgênicos. A escolha por uma ração mais barata, no meu ponto de vista, não compensa. A qualidade do produto, sendo orgânico, vale mais. Esta é uma decisão dos donos do local que priorizam diversas vezes o capital à qualidade ou facilidade.

Nos sistemas de plantio e irrigação, construímos a horta em mandala que ajuda no desenvolvimento das plantas (fluxo de energia circular), facilitando colheita, rega e plantio; construção de diversos canteiros para produção de batatas, mamão,

ervas aromáticas, feijões, plantas alimentícias não convencionais, entre outros. A maioria proveniente de mudas ou sementes orgânicas ou caipiras ou crioulas. Ou seja, não modificadas geneticamente. Noventa por cento da água utilizada em todo o Sítio provêm do poço de manilha e da chuva, armazenada em pequenos coletores. Nos outros dez por cento, a água vem da Cedae que ainda está em fase de teste, disponibilizando água quando e quanto querem, ainda sem custos. Porém, acredito que existe a possibilidade de não depender de energia elétrica e água externas. Isso cria dependência e responsabilidade em pagar contas durante toda a existência do Sítio.

Foram construídos também um forno de pizza e um fogão de barro utilizando matérias-primas do próprio terreno. Além de açúcar cristal (comprado no mercado), para ajudar no enrijecimento do barro, folhas de jornal e areia para moldar o forno. São técnicas fáceis de serem aplicadas. Construção em poucos dias.

O grupo de pessoas que morou ou mora no Sítio Itamaracá é uma comunidade, mesmo que pequena, porque se encaixa no perfil de grupo social que se une em uma localidade, com normas, trocas, em relações pessoais muito íntimas e de laço de amizade ou familiar muito forte, de confiança e respeito, com desejo diário de melhoria coletiva na medida do possível. As dificuldades de viver em comunidade são muitas. As principais questões foram a falta de água na região limitando o número de pessoas presentes, falta de investimento em um sistema de captação de água da chuva condizente com o local, o desejo dos donos do terreno de lucrar a qualquer custo desmotivando a estadia dos voluntários, falta de organização dos projetos a serem executados, entre outros. Em relação ao último item, é uma dificuldade comum em qualquer relação humana. Muitas pessoas reunidas, várias ideias, pouco capital para investimento e ausência de objetivo coletivo. Ou seja, a dificuldade em desenvolver um projeto coletivo aumenta porque cada pessoa tem um projeto individual. Os projetos coletivos são constantemente

modificados gerando confusão, desmotivação e abandono das atividades por parte de voluntários e moradores que não são donos da propriedade.

Na minha concepção de uma comunidade que se equilibra tem que existir um bom líder. Não um bom governante, ditador ou imperador, mas alguém que gerencie, coordene, auxilie nas demandas da comunidade e facilite a comunicação entre os habitantes. No Sítio Itamaracá, como em muitas sociedades e comunidades, a ausência de uma boa gestão desequilibra o trabalho, rotina, trocas, etc.

Sendo uma propriedade privada onde alguns dos donos não se interessam por uma rotina permacultural e sustentável, limita de certa forma projetos livres e de base igualitária. O foco e objetivo em qualquer projeto são essenciais para sua execução. O fluxo de pessoas e energias no Sítio é muito intenso, sendo necessário uma organização ou gestão do espaço e financeiro bem realizadas e planejadas. Talvez esta família ainda não esteja preparada para essa adaptação, devido ao grande interesse em continuar em rotinas muito mercantis, de descarte e consumo impulsos e inconscientes. O processo de mudança é contínuo e querer força de vontade para ser executado. Eco revoluções acontecem quando há conexão entre vontade (teoria) e execução (prática).

A rotina desde que vim morar no Sítio é livre, mas temos um cronograma básico. Acordamos às seis da manhã abrindo as portas das galinhas, deixando-as livres e alimentadas, e regar as hortas e mudários (cada dia se rega uma horta, temos em torno de seis espalhadas pelo terreno). O restante do dia vai depender da demanda diária: poda de árvores, limpeza das casas e áreas comuns, reforma de telhados, manutenção do poço e caixa d'água, planejamento de plantio e colheita, entre outros. Geralmente nossas refeições são feitas ao final do dia em coletivo, ou seja, compramos, preparamos e limpamos juntos e dividimos de forma igualitária.

Durante o dia é importante que tenhamos descanso e afazeres pessoais e incentivamos que a meditação faça parte do cotidiano de todos. Isso nos conecta com nossa essência espiritual, acalmando nossas mentes, ajudando na reflexão e resolução de problemas. Temos reuniões semanais para discutir pontos negativos e positivos, onde e como podemos melhorar e quais as demandas daquela semana.

As minhas principais funções no Sítio são produzir eventos, receber projetos externos, organizar o espaço para a execução de atividades, gerenciar financeiramente o que entra e sai, produzir mudas, armazenar sementes, colher folhas para alimentar os animais, podar e colher plantas, entre outros. Realizo diversas atividades, mas a minha favorita é a relação com as plantas e os animais.

Entre os diversos cursos e eventos realizados aqui no Sítio, poucos foram organizados pelos moradores. O Retiro de meditação e yoga da Ananda Marga (Índia) foi produzido e realizado aqui no Sítio pelo monge filipino Dada Suvedananda mais de dez vezes desde março de 2016. Também Retiros de terapias tântricas para mulheres em 2017, organizados por Tais Lara Barbosa, terapeuta corporal e escritora na empresa Vulva livre, alma liberta. O Curso de bioconstrução do galinheiro foi o único organizado por moradores do Sítio. Esse dado me deixa desanimada, pois o Sítio tem grande potencial para realizar eventos, produzindo conhecimento, trocas financeiras e intelectuais. Os projetos de realização de cursos e oficinas são ainda limitados e continuam apenas no papel.



Figura 11: Retiro de Meditação com o monge Dada Suvedananda.



Figura 12: Retiro de meditação.

Fui convidada pela pedagoga Eulalia Almeida para sermos voluntários no Campus Mequinho (GEAL) da Universidade Federal Fluminense (RJ). Lá trabalhamos e nos divertimos construindo hortas horizontais com plantas alimentícias e medicinais. O objetivo principal era mostrar às crianças especiais e de baixa renda (que frequentam o espaço semanalmente com seus responsáveis para obterem ajuda psicológica, pedagógica, médica e psiquiátrica), como plantar seu próprio alimento, para compreenderem que existem alternativas à sociedade atual. Alternativas de consumo, de trabalho e objetivos de vida. O projeto é da Eulalia que desenvolve outros além deste. E com o nosso envolvimento afetivo e sincero,

continuamos o projeto planejando a construção de uma composteira para descarte de alimentos não consumidos, novas hortas com leguminosas e mais verduras. Também trouxemos em maio de 2017 entre vinte e trinta crianças e seus responsáveis ao Sítio Itamaracá para terem a oportunidade de aprender mais sobre plantas, pintura natural e terem um dia de diversão perto da floresta e com animais.



Figura 13: Responsáveis pelas crianças do Geal.



Figura 14: Eu e Helena na construção dos canteiros no Geal.

Na medida do possível, aprendemos muito no último ano e evoluímos significativamente nossas potências, colocando em prática todos os dias o que vimos durante anos na televisão, em vídeos na internet ou outras pessoas vivendo: uma

comunidade permacultural e livre. A permacultura não é apenas uma filosofia, mas um estilo de vida. E que ela se torne na minha vida uma rotina, uma prioridade, mais do que um passatempo. Aprendemos na prática como viver sem luxo, longe do centro urbano, sem internet, câmeras, porteiros e portas conectadas com corredores. Consegui começar a sair das caixas mentais e físicas que me prendiam (ou que eu mesma me prendia) para me permitir viver uma rotina dentro da ideologia que prego. Meu objetivo é que minhas ações mostrem quem eu sou e não o meu discurso.

CONCLUSÃO

Uma nova forma de viver e conviver é possível. Uma forma que respeite a individualidade e que não englobe um grupo ou tribo em uma unidade. Mas que cada indivíduo tenha a possibilidade de ser ouvido e acolhido. Permanecendo na ideia de que não há sentido em uma luta social por direitos iguais se não somos iguais. Uma sociedade onde a base não seja econômica, ou seja, o objetivo não seja o lucro, o capital, que não seja o dinheiro, que ele se torne consequência e auxílio. Que o objetivo deste coletivo de indivíduos seja a troca, o compartilhar, o cuidado com todos os seres e não-seres ao nosso redor. Para além de um desejo ou uma necessidade individual.

Sonho com uma sociedade que não precisa explorar nada nem ninguém para viver com paz e com conforto. Que a concepção de luxo não represente apenas bens materiais, mas bem-estar e equilíbrio emocional. Sabendo que tudo e todos são vendíveis e podem se tornarem produto, entende-se que estamos constantemente no movimento de realizar trocas simbólicas ou materiais, de acordo com o interesse e o momento mútuo. A mudança está na forma que realizamos nossas trocas materiais e imateriais. Sabendo lidar com as questões que o mundo (ou a vida) nos apresenta. Preocupados não com elas, mas como lidamos com as questões / problemas. Compreendendo que cada questão se torna uma lição e aprendizado. A lição da vida, afinal, não é o que acontece, mas como lidamos com o que acontece.

Hoje existe grande repressão estatal, mas ela também existe no mercado. A partir do momento que não estamos de acordo com alguma postura do sistema somos excluídos e ridicularizados.

Idealizo uma comunidade de relações horizontais, de trocas coletivas e justas, com compromisso, mas sem obrigações. O trabalho não é emprego, mas prazer.

Talvez estas pequenas comunidades se expandam e se tornem uma grande sociedade global onde todos tenham acesso à moradia, saúde, alimentação, conhecimentos essenciais e tradicionais sobre nossa conexão com a Mãe Terra e com nossa rede de conexão espiritual que nos interliga (rede que atualmente a grande maioria das pessoas não enxerga ou sente. Estão preocupadas demais fazendo a engrenagem do sistema do capital atual funcionar).

As ideologias que apresento aqui podem parecer utópicas ou objetivos inalcançáveis. Não repreendo o leitor por isso. Concordo que o caminho é árduo, e não sendo este o objetivo da maioria da população, realmente fica difícil acreditar. Mas, e se todos soubessem que existe uma alternativa? E se pudessem experimentar novas formas de viver e conviver com o outro?

A maioria acredita que felicidade é acúmulo. Acumulamos amigos, parentes, parceiros, carros, móveis, imóveis, joias, tristezas, alegrias, solidão. Tudo internalizam e chamam de “meu”. E além disso, do ego, o ser humano contemporâneo é apaixonado por conforto e segurança. Para sustentar esse esquema são capazes de morrer e matar.

Gostaria que a sociedade também fosse uma troca orgânica de pensamento e corpos. Há espaço para todos, quando se tem um objetivo maior em comum: respeito. Respeito aos indivíduos e suas identidades diversificadas e únicas. Respeito ao alimento, ao vento, ao Sol. Uma busca por construção espiritual baseada na consciência do poder individual, do “eu Supremo”, que habita em todos. Isso inclui um grande respeito ao seu próprio corpo como forma material divina para conseguir cumprir (ou tentar) nossas missões na Terra.

As civilizações, assim como o sistema galáctico, está em constante mudança, diariamente e em eras. Portanto, a nossa sociedade está passando por uma

transição. A pós modernidade proporcionou à espécie humana quebra de diversos paradigmas, o início da era tecnológica e aperfeiçoamento da era industrial, de larga escala, global. Consequentemente, globalização de informações, corpos, ideologias.

Aparentemente parece que o ser humano está cada vez mais perdido e individualista. Mas se pudermos observar com mais cautela, nos aproximarmos com afeto das histórias e vivências diárias de alguns indivíduos, se pudermos estar em espaços onde assuntos como luta e igualdade social, espiritualidade, consciência suprema e Nova Era são discutidos, podemos ter um pouco mais de esperança na construção de comunidade menores, sustentável e de mútuo acordo.



Figura 15: desenho ilustrativo de uma sociedade sustentável com plantações, animais, energias limpas e renováveis (eólica e solar), estufas no topo dos prédios, transporte teleférico, etc. Autoria desconhecida. Distribuição: Google Imagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUGANVILLE , Louis-Antoine de Comte. **Voyage Autour Du Monde Par La Frégate Du Roi La Boudese Et La Flû Te L'étoile**. Paris: Chez Saillant & Nyon, 1771.

BRAMWELL, ANNA. **Blood and Soil: Walther Darré and Hitler's green party**. Nova Iorque: Abbotsbrook, 1985.

BRANCALEONE, CASSIO. **Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies**, Volume 39, Número 1. Ceará: Revista de Ciências Sociais (Universidade Federal do Ceará – UFS), 2008.

DIEGUES, ANTONIO. **Sociedades e Comunidades Sustentáveis**. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/comsust.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2017.

EMBRAPA. **Sistemas Agroflorestais (SAFS)**, 2004. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-solucoes-tecnologicas/-/produto-servico/112/sistemas-agroflorestais-safs>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. **Louis-Antoine de Bougainville**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Louis-Antoine-de-Bougainville>>. Acesso em: 26 novembro de 2017.

PAULL, DR JOHN. **Organics Olympiad 2011: Global Indices of Leadership in Organic Agriculture**. Volume 1, Número 4, Páginas 144-150. Oxford: Journal of Social and Development Sciences, 2011.

SOUSA, J. FRANCISCO SARAIVA DE. **Tönnies: Comunidade e Sociedade.** Disponível em <<http://cyberdemocracia.blogspot.com.br/2008/06/tnnies-comunidade-e-sociedade.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

SPINOZA, BENEDICTUS DE. **Ética.** Tradução de Tomaz Tadeu, 2ª edição, 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

THE COCONUT REVOLUTION (A Revolução dos Cocos). Direção: Dom Rotheroe. Local: Reino Unido. Produtora: Stampede Films, 1999. Documentário.

VITTE, ANTONIO CARLOS. **A preservação da paisagem e a conservação da natureza no III Reich.** Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/12287#authors>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.